



## GT 7: DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA

### O PODER SIMBÓLICO: A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO DENTRO DOS MUROS DA ACADEMIA

Alisson Magno Rocha (UEPG); Email: amagnorocha@hotmail.com  
Ana Paula Moreira (UEPG); Email: aluapm@gmail.com

#### TEMÁTICA: GÊNERO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

**RESUMO:** O artigo apresenta uma discussão acerca da violência de gênero que é considerada um problema social que atinge as mulheres de forma perniciosa, embasada num modelo de cultura patriarcal que se eleva em uma constante de violências simbólicas, na maioria das vezes invisibilizadas que acabam atuando com o apoio de predisposições enraizadas na sociedade e até mesmo da consciência das vítimas que acabam por reproduzir expressões dessa cultura de dominação masculina. Esta pesquisa de cunho exploratório se utilizará de revisão bibliográfica e documental e ainda de entrevista com acadêmicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG a partir de uma amostragem, tendo por objetivo averiguar a prática da violência, em tela a violência simbólica praticada ao gênero feminino, ao que tange as relações sociais entre os universitários que criam e/ou reproduzem estereótipos sobre os cursos de graduação e ainda, ditam “regras/padrões” sociais que determinam características específicas ligadas ao gênero. Há muito o que discutir, considerando a violência simbólica a que o gênero feminino encontra-se submetido, diante de práticas discriminatórias ao longo dos séculos, sendo o âmbito acadêmico – ensino superior, muitas vezes como um ambiente que reproduz a desigualdade de gênero oriundo das práticas e experiências recebidas culturalmente.

**Palavras chave:** gênero, violência, violência simbólica, poder simbólico, universidade.

#### 1. INTRODUÇÃO

A construção dessa imagem fragilizada da mulher trouxe por consequência o enraizamento de um pensamento extremamente conservador e machista que perdura até os dias de hoje dentro da sociedade, mesmo que de forma invisibilizada e realizada via práticas de violência simbólica que se usam de simbologias que na maioria das vezes passam despercebidas até mesmo pelas vítimas oprimidas, naturalizando a dominação de gênero.

Para se realizar uma análise aprofundada sobre a questão da violência simbólica de gênero, é necessário antes definir alguns conceitos que explanam a violência de forma geral com o intuito de tentar entender como a sociedade em sua totalidade enxerga as diversas formas de violência existentes, formando assim um entendimento sobre a facilidade com que a violência simbólica consegue exercer seu poder.

Segundo Saffioti (2000), violência se define como: o fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação.



“Violência” vem do latim violentia, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. Ou ainda, violência traz a ideia de uma força, de uma potência natural cujo exercício contra alguma coisa ou contra alguém torna o caráter violento.

Para Marty (2006), “a violência, em suas formas destrutivas, visa o outro para destruí-lo, mas atinge a humanidade como um todo”. Tal fenômeno, como aborda Ximenes (1999), é uma herança comum a todas as classes sociais, culturas e sociedades e, portanto, um fenômeno intrínseco ao processo civilizatório, que se constitui enquanto elemento estrutural e que possui participação na própria organização das sociedades, se desdobrando de diversas formas.

Diante desses conceitos básicos de violência nota-se que estes são sempre ligados ao uso da força de um sujeito contra o outro, sobretudo do uso da força física. Portanto, dentro do imaginário coletivo, violência quase sempre está ligada à agressão física, o senso comum geralmente a compreende como o acometimento físico, mas as violências podem se configurar de outras formas.

Este artigo trará a abordagem de um tipo específico de violência: a violência simbólica. Esse tipo de violência atinge de forma perniciosa vários grupos sociais, mas especificadamente nesse texto, será demonstrado as consequências que a violência simbólica acarreta na vida das mulheres, sobretudo nas que se encontram dentro do âmbito acadêmico.

Diante desta temática torna-se notável a discussão das relações de dominação de gênero e prática de violência simbólica dentro do âmbito universitário, espaço de desenvolvimento e formação de opinião, sobretudo de universitários que ainda estão no processo de transição da adolescência para a fase adulta.

Tal discussão teve por base revisão bibliográfica, trazendo elementos sobre a historicidade e a construção do papel da mulher no Brasil, gênero, violência simbólica e universidade. O trabalho de pesquisa exploratória – a coleta de dados, se utilizou de questionário online, através do Google Forms aos sujeitos da pesquisa – acadêmicos da UEPG– Universidade Estadual de Ponta Grossa, fundada em 1966, que possui 49 cursos de graduação, com 9.917<sup>1</sup> acadêmicos matriculados.

## **2. A CONSTRUÇÃO DO PAPEL DA MULHER NO BRASIL AO LONGO DA HISTÓRIA**

Historicamente, com o surgimento do Renascimento na Europa e a chegada dos portugueses ao solo brasileiro em meados de 1.500, determina-se uma ideologia enraizada e determinada pela religião referente à imagem da mulher.

O fato de o erotismo ser tradicionalmente relacionado ao pecado tinha peso maior sobre as mulheres, principalmente diante os olhos dos viajantes estrangeiros que ficavam boquiabertos com a nudez das escravas nas ruas (PRIORE, 2014). Como a resistência dos índios à escravidão era intensa, a melhor forma de combatê-los era comparar sua nudez com o mal.

[...] a nudez das índias estava longe de ser erótica. Aos olhos dos colonizadores, a nudez da índia era semelhante à dos animais; afinal, como as bestas, ela não tinha vergonha ou pudor natural. Vesti-la era afastá-la do mal e do pecado. O corpo nu era concebido como foco de problemas duramente combatidos pela Igreja nesses tempos (PRIORE, 2014, p.17).



Foi nas sociedades de caça e coleta, que os homens, desfrutando de tempo livre (caça sendo atividade praticada uma ou duas vezes por semana), criaram os sistemas simbólicos que inferiorizam socialmente as mulheres. “Tais sistemas operacionalizam-se e se materializam em práticas sociais, rituais religiosos, etc” (SAFFIOTI, 2000).

Esse conjunto de crenças e valores acaba por criar raízes ideológicas fortes em relação ao frágil valor da mulher como um sujeito ativo e de direitos dentro da sociedade brasileira. A mulher só tinha papel relevante dentro deste cenário quando relacionado ao casamento e enquanto cumprimento do papel materno. Diante disso, as mulheres eram somente consideradas uma variável de reprodução, seu papel não era visto de forma individual e sim em conjunto com o homem, como um casal.

Tais discursos serviam como base para criar um modelo feminino de corpo, bem comportado e recatado, com a desculpa de facilitar a domesticação da mulher dentro da instituição do casamento.

Os homens e as mulheres vivem sob dadas condições objetivas e subjetivas que são resultado das relações sociais aos quais são inseridos. Diante disso nota-se que as relações de gênero são construídas historicamente sendo de extrema importância trazer à tona a análise de como essas respectivas relações estão estruturadas.

### **3. A PRÁTICA DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DENTRO DOS MUROS DA UNIVERSIDADE**

A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante e há uma correlação entre as desigualdades sociais. As mulheres, dentro da dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, entre outras), estão inseridas em um contexto de desigualdade. Tal contexto é “determinado por relações sociais historicamente construídas que as coloca em situações de subordinação e opressão, advindas por se apropriarem de menos poder do que os homens” (SANTOS; OLIVEIRA, 2010).

As raízes ideológicas ainda permeiam as relações entre homens e mulheres atualmente, na maioria das situações, são invisibilizadas por práticas perniciosas e não perceptíveis, muitas vezes até pelos olhos das próprias vítimas que acabam por reproduzir esses pensamentos dominadores. “A divisão social entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”, apreendendo o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, que adquire um reconhecimento de legitimação. (BOURDIEU, 2010).

Essa ideologia conservadora e machista é, nos dias de hoje, invisibilizada por práticas de violência simbólica, realizadas de forma tão escondida que passam despercebidas, muitas vezes, pelas próprias vítimas que reproduzem essas práticas da dominação masculina de forma involuntária, dominadas por um pensamento exterminantemente alienador. “Incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina” (BORDIEU, 2010).

Dentro do imaginário coletivo, o capitalismo teria aberto as portas do mundo do trabalho para a mulher, mas não foi nem é assim como afirma Saffioti (2000). O



capitalismo abriu as portas para o emprego, pois as mulheres sempre trabalharam. Diante disso nota-se a força do poder simbólico que enaltece o homem viril e independente que oferece assistência econômica à sua família e desvaloriza ou até mesmo naturaliza as funções domésticas pré determinadas para as mulheres, não reconhecendo suas ações com os cuidados intrafamiliares.

A violência simbólica atinge as mulheres antes mesmo de elas adentrarem em uma universidade, pois quando elas cogitam a ideia de se ter uma formação acadêmica são vistas com “maus olhos”, como aquelas que fogem à ordem vigente da sociedade e dos padrões patriarcais impostos.

Como coloca Bourdieu (1998), os “sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação de dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), contribuindo, assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 1998).

Dentro do universo universitário a violência simbólica é facilmente perceptível talvez devido ao fato da universidade se tratar de um espaço de diferentes personalidades, culturas, hábitos e visões no que diz respeito às formas de se pensar as questões de gênero.

Geralmente, os indivíduos que integram a rede de acadêmicos dos respectivos cursos acabam por estratificar o conjunto de homens e mulheres, delimitando espaços a que cada gênero pode ou não frequentar e criando estereótipos com características singulares e muito específicas de cada curso como se a sociedade acadêmica tivesse por base um tipo de “seleção” rigorosa feita com aqueles que querem adentrar em determinado curso.

A reprodução da violência, do machismo e do conservadorismo nas universidades ocorre cotidianamente. A universidade que queremos não pode servir como um mecanismo de reforço às violências, opressões e discriminações da nossa sociedade. Ela deve servir como um espaço de desconstrução de toda essa lógica. Nas considerações de Chauí

[...] a universidade é uma instituição social. Isso significa que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada. (CHAUÍ, 2001, p. 35).

Cabe afirmar que na visão de Bourdieu (2010) verifica-se como o processo social pelo qual as culturas são reproduzidas através de gerações, sobretudo pela influência socializante de grandes instituições. Essa violência simbólica se dá de forma subjetiva e nas representações socioculturais. “O fundamento da violência simbólica reside nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que a produzem” (BOURDIEU, 2010, p. 54).

#### **4. IMPRESSÕES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO COTIDIANO UNIVERSITÁRIO**

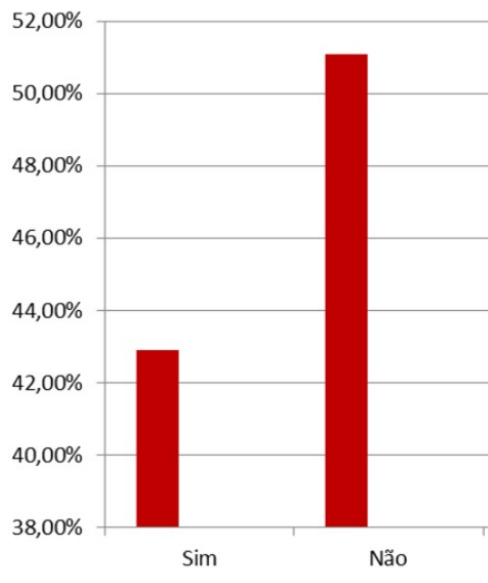
Para tomarmos proximidade com a realidade dos sujeitos inerentes ao processo de vivência diante da violência simbólica nas universidades, como mencionado anteriormente, para este estudo foi realizada uma pesquisa com os acadêmicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa, através de questionário



online do Google Forms entre os dias 30/09/16 a 12/10/16, tendo como participantes, quarenta dois (42) acadêmicos.

A primeira questão refere-se se já sofreu alguma violência simbólica por colegas, acadêmicos e/ou professores, a resposta majoritária foi que não, conforme gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 – JÁ SOFREU COM VIOLÊNCIA SIMBÓLICA



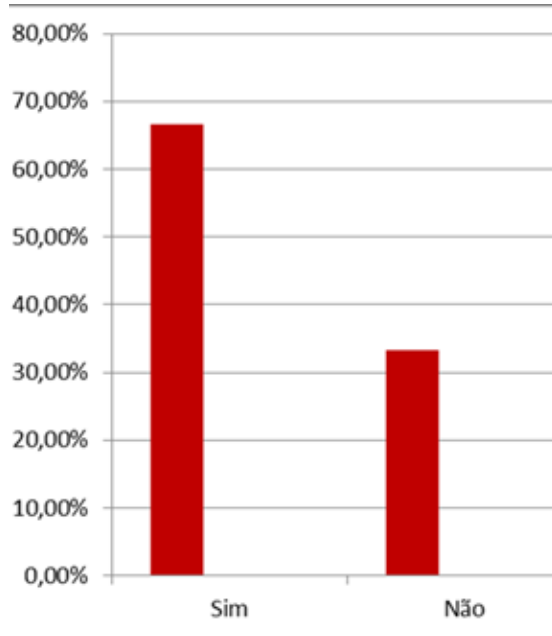
Fonte: organizado pelos autores.

Esses resultados reforçam a ideia de que a violência simbólica se apresenta de forma invisibilizada, imperceptível até mesmo pelas próprias vítimas que acabam por reproduzir o ciclo de violência sofrida. Desta forma, a violência simbólica nem sempre é percebida como violência, mas muitas vezes como uma espécie de interdição desenvolvida com base em um respeito que "naturalmente" se exerce de um para outro. (BOURDIEU,1992).

Num segundo momento é reportado se os sujeitos de pesquisa percebem a prática da violência simbólica no espaço da universidade, sendo expressivo que sim, que ela é observável, conforme porcentagem do gráfico abaixo:



GRÁFICO 2 – SE PERCEBE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE



Fonte: organizado pelos autores.

“O fundamento da violência simbólica reside nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que a produzem” (BOURDIEU, 2010, p. 54). A base da violência simbólica está nas estruturas que a produzem e a mantém viva, estruturas estas que defendem o papel do homem como superior, para o que podemos destacar a sociedade, a família, a escola e a Igreja. Nesta premissa a universidade como instituição de ensino potencializa desníveis sociais entre os discentes de origens distintas, porque o conhecimento, embora transmitido e avaliado de forma homogênea, tende a encontrar assimilações diferenciadas entre os acadêmicos.

No quesito de como percebem a violência simbólica, conforme Abramovay (2002) alega que são manifestações de violência simbólica: abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante uso de símbolos de autoridade verbal e institucional como a marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas nas instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder.

As respostas mais relevantes foram percebidas:

*"Dependendo das roupas dá para perceber uma certa intimidação".*

*"Através de piadas que enaltecem o homem e colocam a mulher como inferior; professoras mulheres que tratam "melhor" alunos pelo fato (exclusivamente) de serem meninos".*

*"Através de atitudes machistas e preconceituosas". "Nas "brincadeiras", olhares, etc".*

*"No tratamento diferenciado dado às mulheres afim de inferiorizá-las". "Piadas de mal gosto, descrédito".*



*"Divisão dos espaços, dos grupos de relações, fofoca, comentários sobre aparência".*

Esse tipo de violência se torna perceptível através de comentários machistas, defesa de ideias que colocam a mulher em posição de inferioridade e submissão, o fato de mulheres terem que seguirem padrões pré-estabelecidos para se encaixarem em modelos de mulheres ideais, se portarem de maneira que seja bem vista pelos outros, não ter atitudes que levam os outros a pensarem que se trata de uma mulher vulgar.

A violência simbólica contra as mulheres esta arraigada nas relações sociais. O ritmo cotidiano em que se é vivido e presenciado atos de constrangimento, preconceito, das piadas, cantadas, do machismo.

A universidade possui um papel relevante sobre as relações sociais dinamizadas no seu interior e, cabe a ela desempenhar ações que fortaleçam a garantia dos direitos das mulheres, que valorizem a igualdade de fato através da consciência crítica de toda a comunidade acadêmica.

É preciso escolher um estilo de vida na sociedade em que vivemos. Entre a identidade que temos, e a identidade que queremos ter, existe uma brecha muito grande, por uma questão muito simples: somos produtos do nosso meio.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O exercício para a cidadania é fundante, pois todos devem ter consciência de que zelar pela integridade das estudantes, este deve ser papel da instituição, dos homens e das mulheres dentro das universidades. Combater o machismo com atitudes diárias, seja no dia-a-dia das aulas ou em festas e ambientes de descontração, é o caminho para que as mulheres não se sintam ameaçadas e só assim, possamos ter condições de debater sobre o rompimento da violência contra a mulher nas universidades.

A universidade tem um papel importante na afirmação das identidades tanto pessoal como profissional, para desta forma colaborar no fundamento e na finalidade do exercício da cidadania. A maturidade do acadêmico no ensino superior deve ser entendida e desenvolvida para superar as barreiras dos preconceitos. Sociedade e universidade podem estreitar suas relações de modo que a primeira seja um escudo de proteção para a segunda. Sabe-se que as formas de violência nas universidades estão ligadas às discriminações.

Este assunto não é estanque, muito ainda deve ser discutido e debatido por toda comunidade acadêmica, com intuito de promover ações efetivas que reflita em novas formas de convívio e socialização pautadas no respeito ao gênero. Cabe, então, aos gestores e docentes das universidades promoverem o debate sobre as diferenças e a tolerância, incluir nas grades curriculares ações que despertem para o resgate da dignidade humana e da cidadania, e finalmente buscar solução entre os próprios acadêmicos, gerando campanhas internas de acolhimento, de solidariedade e de despertar para a erradicação da intolerância, pois sabe-se que a universidade serve de modelo para as demais instituições de ensino.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. et. all. ***Escola e violência***. Brasília: UNESCO, 2002.
- ALMEIDA FILHO, N. ***O campus universitário como campo (de pesquisa)***. IN: SANTOS, G.; BORDIEU, P. ***A dominação masculina***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. BOURDIEU, P. ***O Poder Simbólico***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. CHAÚÍ, M. S. ***Escritos sobre a Universidade***. São Paulo: Editora:UNESP, 2001.
- DEL PRIORE, M. ***Ao Sul do Corpo: Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia***. São Paulo: UNESP, 2009.
- DEL PRIORE, M. ***A mulher na história do Brasil***. São Paulo: Contexto, 1994.
- DEL PRIORE, M. ***Histórias íntimas***. São Paulo: Planeta, 2014.
- FREIRE, P. ***Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa***. Paz e Terra: São Paulo. 1999.
- KUYUMJIAN, M. de M. M. ***A violência, poder e ordem social***. Revista Ser Social 2, 1998.
- MICHAUD. Y. ***A Violência***. Ática, São Paulo, 2001.
- SAMPAIO, S. M. R. (Org.). ***Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias***. Salvador: Edufba, 2012.
- SANTOS, S. M. M; OLIVEIRA, L. ***Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços***. Florianópolis: Katálysis, p.11-19, 2010.
- SAFFIOTI, H. I. B. ***Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?*** Crítica marxista, nº 11, São Paulo, 2000.
- SERRANO, G. P. ***Educação em Valores- como educar para a democracia***. ArtMed: Porto Alegre, 2002.
- SCOTT, J. ***Gender: a useful category of historical analyses***. New York: Columbia University Press, 1989.